

## Evangelho para as crianças

Foi no dia 14 de junho de 1914 que se inaugurou, na Federação Espírita Brasileira, a primeira escola espírita do mundo, dedicada à evangelização da infância. Chamou-se "Escola Dominical de Doutrina Cristã" e foi inaugurada pela Sra. Ilka Maas, a convite do Presidente Aristides Spínola e do Vice-Presidente Pedro Richard.

No primeiro ano de funcionamento, a Escola foi freqüentada por 36 crianças, registrando-se excelente aproveitamento das lições ministradas, até que a Senhora Maas teve de se ausentar da cidade, em decorrência de seu precário estado de saúde.

Conduzida pelo Alto, D. Maria Eugênia de Lima tomou a si a tarefa de substituir a dirigente do curso, que foi restabelecido a 11 de junho de 1915.

O exemplo da FEB frutificou, e já nesse mesmo ano de 1915 o Centro Espírita "Luz, Amor e Caridade", de Belo Horizonte, fundava também uma escola semelhante.

Na Casa de Ismael, o esforço continuou, passando a Escola a funcionar sob os cuidados de D. Ritília Moreira de Sá, professora catedrática da Escola Normal e valorosa servidora da Doutrina. Já então, freqüentavam o curso quarenta crianças, regularmente inscritas.

Não é nosso propósito contar aqui a história do desenvolvimento desse núcleo, e sim chamar a atenção para o fato de que, dezoito anos depois da iniciativa pioneira da FEB, isto é, em meados de 1932, mais de cinquenta instituições espíritas, em todo o Brasil, mantinham cursos infantis regulares de Evangelho.

No tocante à própria FEB, justo é destacarmos a abnegação com que se dedicou a esse trabalho o saudoso Carlos Lomba, que revitalizou a Escola a partir do primeiro domingo de maio de 1946, e lhe deu, em 27 de maio de 1951, o nome de "Maria de Nazaré".

Agora, que novo impulso construtivo reacende o nunca fenecido entusiasmo pelo trabalho de evangelização da infância, é mais do que oportuno lembrarmos estes fatos, para que todos mantenhamos viva, dentro da alma, a noção dessa imensa responsabilidade de cuidar da criança, que é, no dizer de Emmanuel, "o futuro do mundo".

## Não tenho prata nem ouro...

HERMÍNIO C. MIRANDA

**N**UNCA HOUVE MESTRE COMO ELE. Na grandeza do seu espírito, ele próprio o reconheceu, sem a falsa modéstia, sem o orgulho vão, ambos incabíveis na estrutura da sua sabedoria:

— Vós me chamais de Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. (João 13:13.)

É a simples declaração de uma realidade, sem outras intenções e conotações. E, como Mestre, ensinava, às vezes, por parábolas ilustrativas, em outras ocasiões, veladamente, porque ainda não podia dizer tudo. Em certas oportunidades, no entanto, foi declaradamente específico, sem figuras de retórica, sem expressões simbólicas. Foi assim, quando procurou preservar a tarefa espiritual dos ataques da cupidez humana.

Embora Mateus diga que se dirigia apenas aos doze (10:5 e seguintes), Lucas informa que o discurso foi endereçado aos 72 (10:1 e seguintes). Não importa, a mensagem é a mesma, substancialmente: era preciso proclamar a toda criatura que o reino dos céus vinha próximo. E mais:

— Curai os enfermos, purificai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios. *Dai de graça o que de graça recebestes.*

Que não levassem com eles mesmos ouro nem prata nem cobre nem mesmo alforje, ou duas túnicas, sandálias, ou bastão.

Jamais, porém, sua condenação do mercantilismo religioso foi tão veemente como quando de sua entrada em Jerusalém, ao expulsar os vendilhões e cambistas que estavam transformando a casa do Pai em antro de ladrões. A posição foi tão vigorosa, que Marcos (11:18) atribui a ela o início da trama para eliminar o jovem Rabi:

— E os escribas e príncipes dos sacerdotes, tendo ouvido isto — escreve Marcos —, buscavam ocasião para o matar, pois eles o temiam, porque toda a multidão estava admirada acerca da sua doutrina.

João acrescenta mesmo que ele tomou de algumas cordas e fez um açoitador para botá-los para fora do templo (2:15).

Não deixou ele dúvida alguma, pois, de que o ministério da fraternidade jamais poderia ser convertido em fonte de renda para alguém.

Não foi outra a posição assumida pela Doutrina Espírita. Kardec dedica o capítulo 26 de "O Evangelho segundo o Espiritismo" a esse tema, escrevendo, a certa altura:

— "Jesus expulsou do templo os mercadores. Condenou assim o tráfico das coisas santas sob qualquer forma. Deus não vende a sua bênção, nem o seu perdão, nem a entrada no reino dos céus. Não tem, pois, o homem, o direito de lhes estipular preço." (Pág. 381, da 64.<sup>a</sup> edição da FEB. Os destaques são do original.)

Qualquer artifício, pois, para extrair proveito de faculdades mediúnicas ou da pregação da pala-